

## PELA LÍNGUA COMEÇA A CONFUSÃO<sup>1</sup>

Judite Gonçalves de ALBUQUERQUE  
Universidade do Estado de Mato Grosso<sup>2</sup>

Uma chave para a leitura de *La Langue Introuvable*, obra conjunta de Michel Pêcheux e Françoise Gadet (1981), pode ser resumida na afirmação, tantas vezes reiterada, ao longo do livro, pelos autores, de que “há um real da história”, contrapondo-se a Milner (1978) que afirma apenas o “real da língua”. A tese que Milner sustenta liga inteiramente a possibilidade da lingüística ao que a língua contém de impossível: impossível de dizer e impossível de não dizer, de certa maneira. O Édipo lingüístico corresponde ao fato de que o total da fala (*lalangue*) não pode ser dito em qualquer língua que seja.

No real da língua, há lugar para o “impossível”, para o equívoco, para a elipse, para a falta, enfim, há lugar para a deriva: “tudo não se diz, pois há um impossível próprio da língua” (Milner, 1987:06). Os autores de *La Langue Introuvable* fogem das oposições e, assumindo uma posição teórica no materialismo histórico, trabalham as contradições no jogo do “universal” e do “histórico”. Mostram como se idealiza um “universal”, funcionando simultaneamente segundo a figura jurídica do Direito e segundo a figura biológica da Vida; uma igualdade ideal que cria, pelo mesmo gesto, a desigualdade real. A língua do Direito representa, na língua, a maneira política de negar a política (Pêcheux, 1982). Foi assim no estado burguês e pode-se observar o mesmo no estado capitalista e neoliberal: “para se tornar cidadãos, os homens devem, pois, livrar-se das particularidades históricas que os entrava: seus costumes locais, suas concepções ancestrais, seus preconceitos e sua língua materna” (Pêcheux e Gadet, 1981:35). O próprio modelo de igualdade é histórico, projetado num tempo e num espaço definidos.

Podemos dar um exemplo, no Brasil, através do processo de colonização a que, durante séculos, os “índios” foram submetidos. Em primeiro lugar, a própria expressão “índios” é genérica, universaliza o específico, ignorando as mais de mil etnias diferentes que aqui existiam quando da chegada dos europeus (RICARDO, C. Alberto, 1995); em segundo lugar, está o papel das políticas integracionistas (catequese, SPI, FUNAI...) que, ao longo dos séculos de colonização, em nome da igualdade, esforçavam-se por fazer os

---

<sup>1</sup> Guimarães Rosa, *Tutaméia*. Citado como epígrafe no início da I parte do livro de Maria Cristina L. Ferreira (2000:21).

<sup>2</sup> Aposentada pela Unemat. cursando o Doutorado em Lingüística (Análise de Discurso) na Unicamp/IEL.

índios desaparecerem como nações e como identidades individuais, na medida em que os processos de educação lhes surrupiavam a língua, a religião, os costumes, a cultura.

Os autores deste livro trabalham, portanto, as relações contraditórias desse jogo do universal e do histórico que estão sempre se tocando. O impossível não fica excluído e é isso que os lingüistas não suportam, apegados que são ao velho sonho lógico-filosófico da “língua ideal”, universal, constituída por elementos lógicos fundamentais, instrumentalizando o pensamento humano, lugar de clareza por excelência, desejado tanto por Platão quanto por Descartes ou Leibniz, onde a trilogia “transparência/univocidade/regularidade” não pode admitir o que se lhe opõe: o ambíguo, o ambivalente, o irregular, a exceção, o vago... o não normatizado” (Gadet e Pêcheux, 1981:155). Desde que Saussure, pela noção de valor, escancarou a divisão da língua que a história da Lingüística vem marcada pelo desejo de fechar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento dessa divisão:

“Compreende-se que muitos saussureanos tenham se aplicado, em nome de Saussure, a curar a ferida, a esconder a novidade insuportável que rastreia assim as relações entre o desejo, o real e o impossível” (op cit: 61).

“Continuar a fazer do arbitrário a novidade saussureana, se tornaria (...) proceder por ‘deslocamento’, segundo o procedimento primário do inconsciente que, no sonho manifesto, acentua um elemento (...) em detrimento do essencial que permanece censurado: a definição do signo como valor, isto é, como diferença, abrindo a via pra pesquisas materialistas sobre o trabalho do significante, sentidas como perigosas pela filosofia dominante” (C. Normand, apud Gadet e Pêcheux, op cit, p. 61, nota nº 51).

Feita essa introdução, eu gostaria de propor, para os debates deste painel número 09, a questão que me interessa particularmente, neste momento, que é a questão da loucura. E/ou da poesia:

“É na trama imaginária de uma teoria que se negocia a relação à loucura: quando se pretende, hoje, fazer jogar a ciência contra a loucura, começa-se por fazer da ciência uma lógica oposta à a-lógica da loucura; esquece-se que a loucura (e a poesia) fazem uso da língua, são igualmente tomados no real. A língua como lugar de um saber onde as ficções podem chegar a se reger é o ponto logofílico contraditório pelo qual a lingüística toca o seu real” (op cit p. 60).

A *logofilia* – como essa loucura é nomeada por Pierssens – é “a paixão comum do lingüista, do escritor e do psicótico” (M. Pierssens, 1976, apud Gadet e Pêcheux, 1981:41, nota nº 19). A loucura que escapa ao lingüista e ao gramático é justamente aquilo que

lingüistas e gramáticos consideram “delírios”, o real da língua, e que eles não conseguem perceber que tem uma relação muito próxima com a ciência e, freqüentemente, precedem os trabalhos da ciência. A Lingüística científica sempre se recusou a aceitar esse fenômeno dos homens loucos, apaixonados por sua língua e ignora a estreita ligação que sua própria história tem com a língua delirante dos poetas, dos escritores e dos psicóticos.

Gadet e Pêcheux iniciam a segunda parte do livro com o título: *Nous sommes d'une génération qui a tué ses poètes*<sup>3</sup>, como bem foi lembrado pela painelista Maria Cristina L. Ferreira. Poetas sempre incomodaram. Basta ver, de fato, o que os “trabalhadores da língua (poetas, escritores, lingüistas)” sofreram com a entrada, por exemplo, do formalismo russo em plena Revolução Socialista Soviética: as contradições da tentativa russa de promover a unificação da política e da lingüística, sobretudo depois que Stalin assume o poder, provocaram a morte, prisão ou o exílio de muitos deles. E a *Grande Travessia* a que se referem os autores diz respeito ao grande número de lingüistas, filósofos, escritores, poetas e cientistas que foram obrigados a deixar a Europa tomada pelo terror nazista.

A questão dos “loucos pela língua” é abordada no capítulo intitulado *Les hommes fous de leur langue*, aqueles que têm a língua como ponto de fixação. É por amor que alguém se torna louco pela língua. Dentre os “loucos pela língua” os autores citam algumas categorias:

1ª) a dos estudiosos da língua – os comparatistas do século XIX, por exemplo – que foram atrás da língua mãe, origem de todas as outras, idealizada até o ponto de loucura de querer achar uma língua universal, única, uniforme. O fato de ninguém ter falado essa língua era insuportável para alguns lingüistas. Schleicher chegou ao extremo de escrever toda uma fábula numa língua inventada.

Numa relação de amor e ódio com a língua materna, L. Wolfson, estudante de língua esquizofrênica, como ele se autodenominava, não suportava o inglês, sua própria língua e sentiu a necessidade de criar um dispositivo de tradução instantânea, convertendo qualquer palavra de sua língua, para outra língua estrangeira, de sentido próximo. Estão nesse nível de loucura as línguas artificiais, tipo o esperanto de Wilkins, as línguas lógico-matemáticas sonhadas por Descartes e Leibniz.

---

<sup>3</sup> A nota nº 1, p. 121, explica a origem desse título: foi tomado de uma expressão de Milner (numa entrevista in *Action Politique*, nº 72) que, por sua vez, faz referência ao título de um artigo de Jakobson: “La génération qui a gaspillée ses poètes”, que começa com este exergo de Maïakovski: “Tués

et peu m’importe  
si c’est par moi ou par lui qu’ils ont été tués”.

2ª) Os jogos de palavras pelos quais o próprio Saussure foi fascinado – o Saussure dos anagramas, dos enigmas – prova de que o “valor” também pode enlouquecer alguém... Saussure freqüentava uma casa esotérica em Marseille, ouvindo compulsivamente uma mulher que falava em línguas, buscando nelas as regularidades. Pierre Brisset enlouquecia, buscando a origem da humanidade na língua, através de jogos de palavras. Amor e ódio da língua é o que se pode dizer desses trabalhadores obstinados, perseguidos pela loucura das palavras; eles têm um lugar reconhecido na história da lingüística mesmo que, na maioria das vezes, postumamente. Eles representam o ponto extremo da deriva empirista, onde a língua e o corpo, *desterritorializados* (Deleuze e Guattari, *O Anti-Édipo*), se juntam no seu fluxo.

3ª) Os poetas, Joyce, Mallarmé, Artaud e seu teatro surrealista (sem esquecer os nossos poetas, como, Guimarães Rosa, que trabalhou a língua “em seu estado gasoso [...] uma língua sem margens, sem limites” Orlandi, 95:42) entram no jogo sobre a língua; nessa *empreitada selvagem*, nenhuma separação entre o grito e o vocábulo; busca-se as sementes das palavras entre os sons e os sentidos, perseguem-se as palavras sob as palavras, através das aliteraões, das onomatopéias, das repetições e das equivalências. Milner afirma que, sem a poesia, nós não teríamos a idéia que a língua se inscreve no real e (...) os lapsos seriam apenas acidentes (apud Gadet e Pêcheux, op. cit., p. 61).

Maria Cristina Ferreira, em sua fala e em seu livro (2000:81), refere-se ao equívoco e à ambigüidade, que se constituem como *fatos estruturais incontornáveis*, portanto, num universo discursivo não estabilizado logicamente. E propõe “que se interroguem os efeitos desses fatos no discurso e se vislumbre a articulação entre os mecanismos lingüísticos por eles acionados e a teoria da determinação histórico-social que lhes dá sustentação” (op. cit. p. 81). “Seguindo no rumo da busca do equívoco da história (ideologia?), do equívoco do sujeito (o inconsciente?), falta analisar o equívoco da língua” (op. cit.:81). E eu pergunto: este Seminário tem permitido avançar essa análise? Qual o papel dos analistas de discurso nessa tarefa? Estaremos sendo suficientemente “loucos” para nos convencer de que jamais daremos conta deste objeto instável e heterogêneo que é a língua, sabendo que, em nossas subjetividades cindidas, o descontínuo nos acompanhará sempre em nossas buscas? E que, então, vale a pena, como Borges, estarmos sempre em busca, mesmo se, como ele diz, nos desmandamentos do “Evangelho apócrifo” (nº 34): “Busca pelo agrado de buscar,

não pelo de encontrar...”

## **Bibliografia**

FERREIRA, M. Cristina Leandro, *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

GADET, Françoise e PÊCHEUX, Michel, *La Langue Introuvable*. Paris: Maspero, 1981.

MILNER, Jean-Claude, *O Amor da Língua*. Trad. Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni. P. *As Formas do Silêncio No Movimento dos Sentidos*. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

Michel Pêcheux - *Délimitations, retournements, déplacement* (1982)

RICARDO, C. Alberto, "Os 'índios' e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil", in SILVA, Aracy Lopes da. *A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 29-59.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso... (et al.). *Pós-modernidade*. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.